

Cada vez mais as pessoas morrem no hospital, longe de casa e dos amigos. Por vezes até longe da sua própria família. E é porque cada vez mais se morre no hospital que cabe reflectir sobre o sentido da vida e sobre a dimensão espiritual dos doentes.

Laurinda Alves
À LUZ DO DIA



IXIS

Viver e morrer no hospital

Quando falo da dimensão espiritual dos doentes falo num sentido lato, abrangente e não estritamente religioso. Toda e qualquer pessoa que sofre ou se sente mais vulnerável, se interroga sobre o sentido do seu sofrimento.

O tempo de doença é, aliás, um tempo em que a questão do sentido da vida se põe de uma forma mais aguda.

Todas as inquietações interiores vêm à superfície e, por vezes, assumem proporções consideráveis. Inevitavelmente somos assaltados por medos, por dúvidas e angústias que nos fazem pensar e procurar respostas, e é neste sentido que a dimensão espiritual dos doentes se revela essencial. Por um lado, porque esta dimensão existe em todos e cada um de nós (crentes ou descrentes) e, por outro, porque é importante que exista alguém capaz de acompanhar esta evolução espiritual e dar algumas respostas. Ou, pelo menos, alguém mais preparado para ajudar a pensar e, porventura, atenuar os temores e dúvidas.

Vem tudo isto a propósito de um seminário de extraordinário interesse e actualidade que se anuncia para os dias 17 e 18 de Fevereiro, em Lisboa, e pretende pensar alto e em conjunto esta questão da espiritualidade dos doentes.

O desafio de organizar um debate aberto a todos os profissionais de saúde, aos capelães e assistentes espirituais e, ainda, aos estudantes de medicina, enfermagem, teologia, psicologia e serviço social entusiasma-me particularmente.

Embora, felizmente nunca tenha estado

internada num hospital, já passei longas horas e dias sucessivos à cabeceira de pessoas muito queridas, em sofrimento profundo, e sei o valor terapêutico que têm não só os afectos e a proximidade da família e dos amigos mas, de uma forma especial, a presença de alguém com capacidade para dar respostas às dúvidas existenciais que fatalmente se levantam sempre que alguém está entre a vida e a morte.

Jamais conseguirei traduzir por palavras o que se sente quando estamos próximos do coração de alguém que está confrontado com a sua própria morte, nem descrever a intimidade igualmente indizível de um tempo de partilha em que a dor de alma é infinitamente mais funda e dolorosa do que a própria dor física.

Apesar de não ter respostas para nenhuma destas dúvidas, confesso que foi importante partilhá-las, estar ao lado, ouvir, calar ou falar conforme os dias e as circunstâncias. Mais do que ter sido importante, esta proximidade e intimidade ajudou-me a encontrar algumas respostas para as minhas próprias inquietações, a pacificar alguns medos e a perceber que há momentos na vida em que nos cabe apenas aceitar o que nos é dado viver. Mas confesso que não foi só a proximidade de coração que existia entre mim e aqueles de quem falo que se revelou uma grande ajuda para eles e para mim. Durante os tempos em que assisti ao sofrimento destas pessoas tão queridas senti que a maior ajuda veio justamente de pessoas espiritualmente preparadas e abertas a ouvir e a falar daquilo que mais custa nessas alturas. E não

falo apenas da ajuda aos próprios doentes mas, também, às suas famílias e amigos.

O facto de existirem capelães e assistentes espirituais nos hospitais faz toda a diferença. Primeiro, porque não se trata do padre convencional que está ali para a confissão final ou para dar o sacramento da extrema unção mas sim para estar, para ter tempo para ouvir e falar. Depois, porque, por definição, os assistentes espirituais ouvem com a mesma intensidade e verdade um católico, um judeu, um evangélico, um metodista, um islamita ou uma pessoa que não acredita nem pratica nenhum culto religioso. E é nesta diversidade de crenças ou descrenças que um assistente hospitalar se pode revelar uma presença especialmente luminosa e pacificadora.

Por tudo isto não posso deixar de chamar a atenção para este seminário sobre a espiritualidade das pessoas doentes que vai ter lugar na Aula Magna da Faculdade de Medicina de Lisboa, no Hospital de Santa Maria e de deixar os contactos para os eventuais interessados.

Comissão Nacional da Pastoral da Saúde
T. 21 793 14 35 – 21 796 13 03
Email: pastoralsauade@mail.sitepac.pt

